

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2022.r3a10>

Recebido em: 24/03/2022

Aceito em: 26/05/2022

**A EDUCAÇÃO NA PRODUÇÃO ESCRITA DE MANOEL BOMFIM DE 1905-1931:
PELO CONTRADISCURSO A FORMAÇÃO DA NAÇÃO BRASILEIRA**

**EDUCATION IN THE WRITTEN PRODUCTION OF MANOEL BOMFIM, 1905-
1931: THROUGH THE COUNTERDISCOURSE THE FORMATION OF THE
BRAZILIAN NATION**

Marcela Cockell Mallmann

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9453-9394>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0213529470663437>

Doutoranda em Educação

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: marcelacockell@hotmail.com

RESUMO

Manoel Bomfim (1868-1932) foi um intelectual brasileiro engajado em múltiplas frentes, escritor, médico, professor e político, era um intérprete e um observador do país, em especial, da transformação urbana, social, política e econômica que se desenvolveram na Primeira República (1898-1930), bem como a *Belle Époque* tropical (1889-1914) – conforme Needell (1993) – na Capital Federal, em que os ideais de modernidade e progresso emergiam como um modo de pensar uma nação civilizada e democrática. Suas críticas em torno dos atenuantes problemas sociais e educacionais existentes no Brasil também se voltaram para a América Latina, especialmente a partir de sua obra *A América Latina: males de origem* (1905). Escrita na França, demonstra toda a preocupação do autor em relação à formação social brasileira de uma perspectiva diferenciada: do continente europeu enxergou o Brasil e a América Latina com outra silhueta em relação às suas proximidades latinas. Em seu ponto de vista, os latino-americanos, como os brasileiros, sofriam o que denominou “parasitismo social” em relação às nações ibéricas, estabelecendo uma relação de submissão entre classes dominadas e dominantes. Nesta obra, seu contradiscurso foi evidenciado ao ir de encontro à teoria do branqueamento e das etnias inferiores do povo brasileiro, afirmando que a questão do atraso não era um problema racial, mas social e que apenas a educação seria capaz de curar os atrasos sofridos pelo Brasil e as demais nações latinas para se tornarem independentes. Consideramos esta obra como o ato inaugural do pensamento de Bomfim e permanecerá em seus escritos posteriores, até 1932 quando viria a falecer. Este trabalho pretende compreender como a ação e o discurso deste intelectual no campo da educação, refletido em sua ação, como professor e diretor do *Pedagogium*, e produção, em obras que apresentam em sua discursividade os debates sobre a criança educanda, identidade nacional e o progresso. O recorte proposto é referente à obra *A América Latina: males de origem* (1905), que marca seu pensamento contracorrente e a sua última obra, *Cultura e educação do povo brasileiro* (1931), publicada postumamente.

Palavras-chave: Manoel Bomfim. Intelectual. História da educação. Identidade nacional.

ABSTRACT

Manoel Bomfim (1868-1932) was a Brazilian intellectual engaged on multiple areas as a writer, doctor, teacher and politician, he was an interpreter and observer of the country, in particular, of the urban, social, political and economic transformation that developed in the Primeira República (1898-1930), as well as the tropical Belle Époque (1889-1914) – according to Needell (1993) – in the Federal Capital, Rio de Janeiro, in which the ideals of modernity and progress emerged as a way of thinking about a civilized and democratic nation. His criticisms of the mitigating social and educational problems existing in Brazil also focused on Latin America, especially from his work *A América Latina: Males de Origin* (1905). Written in France, it demonstrates all the author's concern regarding Brazilian social formation from a different perspective: from the European continent he saw Brazil and Latin America with another silhouette in relation to their Latin proximity. In his view, Latin Americans, like Brazilians, suffered what he called “social parasitism” in relation to Iberian nations, establishing a relationship of submission between dominated and dominant classes. In this work, his counter-discourse was evidenced by going against the theory of whitening and the inferior ethnicities of the Brazilian people, stating that the issue of backwardness was not a racial problem, but a social one and that only education would be able to cure the delays suffered by the Brazilian people. Brazil and the other Latin nations to become independent. We consider this work as the inaugural act of Bomfim's thought and will remain in his later writings, until 1932 when he would die. This work intends to understand how the action and discourse of this intellectual in the field of education, reflected in his action, as a teacher and director of *Pedagogium*, and production, in works that present in their discursivity the debates about the child's education, national identity and the progress. The proposed clipping refers to the work *A América Latina: Males de Origem* (1905), which marks his countercurrent thinking and his last work, *Cultura e Educação do Povo Brasileiro* (1931), published posthumously.

Keywords: Manoel Bomfim. Intellectual. History of Education. National identity.

1 OS (CON)TEXTOS: COMPREENDER O PENSAMENTO DE MANOEL BOMFIM PELA SUA PRODUÇÃO ESCRITA

Manoel Bomfim (1868-1932) é um dos representantes da geração de intelectuais brasileiros do final do século XIX e início do século XX. É um intérprete e um observador de questões vividas pelo país num momento de transformação urbana, social, política e econômica. Atuante em diversas frentes, como escritor, médico, professor e político, consideramos também um intelectual engajado¹, circulando em espaços sociais e em redes de sociabilidade. No âmbito da educação foi professor e diretor do *Pedagogium*² (1896-1919) e Escola Normal do Rio de

¹Conforme a definição de Sartre (1994): como uma figura que intervém criticamente na esfera pública trazendo consigo o seu conteúdo intelectual em diferentes áreas, sua autonomia de opinião e sua visão da atualidade.

²Criado em 16 de agosto de 1890 por Benjamin Constant (1836-1891), o *Pedagogium* tinha a função de coordenar e controlar as atividades pedagógicas do país e de ser um centro impulsionador e estimulador de reformas e melhorias para o ensino público. Bomfim atuou na instituição de 1896 a 1919 quando a instituição foi extinta pelo prefeito Paulo de Frontin. De 1905 a 1911 esteve de licença ocupando o cargo de diretor da Instrução Pública de

Janeiro diretor da Instrução Pública do Distrito Federal e diretor interino da Escola Normal do Rio de Janeiro, lecionando moral e cívica (de 1897 até 1902), pedagogia e psicologia. Atuou como deputado federal pelo Estado de Sergipe (1907-1908) e foi membro da Liga Brasileira de Saúde Mental (1923) e Associação Brasileira de Educação (ABE). Dedicou grande parte de sua atuação e preocupação no debate questões educacionais brasileiras correntes especialmente num momento de estruturação econômica, política e social demarcado pela Primeira República (1889-1930) e pela *Belle Époque* 1898-1914³).

Basta observar, sabendo observar, penetrando no nevoeiro das aparências, dominando o desencontro dos detalhes, para achar o fundo solo das causas reais. Observação difícil e geralmente incompleta. Uma sociedade é um fenômeno vasto demais; para dominá-lo, no conjunto das suas manifestações, é preciso que o espírito se sobreponha a si mesmo, e não se deixe nunca tentar nem absorver por uma série de efeitos (BOMFIM, 1905, p. 263).

Possui uma bibliografia interessante e variada como estudos literários, históricos e manuais pedagógicos, como: *A América Latina: males de origem* (1905), *Através do Brasil*⁴ (1910), *Lições de pedagogia: teoria e prática de educação* (1915), *Noções de psicologia* (1916), *Primeiras Saudades* (1920), *Pensar e dizer: estudo do símbolo no pensamento e na linguagem* (1923), *O método dos testes: com aplicações à linguagem do ensino primário* (1926), *O Brasil na América: caracterização da formação brasileira* (1929), *O Brasil na história* (1930), *O Brasil nação* (1931), *Cultura e educação do povo brasileiro* (1932). E os discursos *O Progresso pela instrução* e *O respeito à criança* (1906). Em seus escritos notamos sua preocupação com a instrução primária, a criança, a higiene, a pedagogia e a psicologia como ciência. Para Bomfim a educação era o único caminho para a o progresso da nação e para se constituir uma identidade nacional.

Atento, seu olhar perpassa a Primeira República (1889-1930) e especialmente a *Belle Époque* (1898-1914), assim como todo o ideário de modernidade e civilidade na Capital Federal. As modificações urbanas foram apenas o ponto de partida para evidenciar mudanças sociais, políticas e econômicas inspiradas, a seu modo, no modelo francês. Os espaços

forma interina (1905) e deputado federal por Sergipe (1907-1908). Foi responsável pelo *Laboratório de Psicologia Experimental* cujo material de estudo se tornou o livro *Pensar e Dizer* (1923), pioneiro, inclusive, nos estudos relacionados a linguagem e psiquismo. Ver Mignot (2013).

³ Consideramos o recorte de Needell (1993), que denominou *Belle Époque tropical*, que tem como foco o Rio de Janeiro, então Capital Federal.

⁴ Em coautoria com Olavo Bilac

transformados pela urbanização da cidade demarcavam aqueles pertencentes às elites, aos menos favorecidos, às crianças e aos intelectuais. Bomfim é um representante da intelectualidade brasileira, transita nestes espaços e, conseqüentemente, traça redes de sociabilidade. As redes de sociabilidade, conforme Sirinelli (2003) consiste na figura do intelectual como um ator/autor que circula, cria e observa os espaços como um espectador das nuances sociais, e com seu trânsito de corpo e alma se movimenta e aciona outros autores/atores e leitores e demonstra o seu engajamento com a sociedade.

Desse modo, podemos acompanhar a preocupação em articular um Estado-Nação que sustentasse os ideais de civilidade e progresso necessários para aquele momento político e social, mas ainda, potencializar a alteridade de um discurso que buscava compreender e contribuir com aquele *ethos* de país moderno, especialmente tendo na educação um meio para essa realização. A partir da análise de suas obras no período de 1905-1932 referentes a obra que consideramos inaugural em relação ao seu contradiscurso, *A América Latina: males de origem* (1905) e a sua última obra *Cultura e educação do povo brasileiro* (1932), publicada após o seu falecimento em 1932. É possível estabelecer o que denominamos eixos argumentativos (questões envolvendo a raça/mestiçagem e América Latina; progresso/civilidade/modernidade; tradição e cultura), que nos auxiliam a potencializar as questões fundantes no ideário deste intelectual, intensamente marcado pelo caráter desviante: no caráter contracorrente, em sua trajetória e em suas escolhas no campo da educação.

É necessário ressaltar a relação existente entre autor, texto e contexto, isto é, a construção desses elementos a partir conhecimento teóricos e práticos, o contexto histórico e a representação considerando a esfera que compõe o campo de um intelectual como Manoel Bomfim engajado em diversas frentes de atuação. Sendo assim, o seu texto ultrapassa o limiar de escrita e leitura para alcançar aquilo que consideramos um discurso, com significações próprias e com comprometimento com a sociedade, criando para além da interação com um leitor ou público específico, uma representação mais abrangente, que se torna um produto cultural ou um bem simbólico (CHARTIER, 1990), atribuído de significados, tomadas de posição, de alteridade (BAKHTIN, 2000), mas também intencionalidade. Por isso não são neutros, justificam condutas, produzem estratégias, negociam relações de poder e legitimam projetos reformadores.

Para entendermos como as representações se estruturam como vozes, estabelecendo discursos específicos de determinado autor, consideramos o conceito de voz em Bakhtin (2000). Para Bakhtin (1997, 2000), não é possível existir um texto sem o elemento humano, um sujeito e a sua voz, isto é, não há um enunciado sem um sujeito falante. Para o autor, a voz é a vida na palavra (BAKHTIN, 2000, p.350). O sentido se distribui entre diversas vozes e a voz tem uma importância excepcional na individualidade. Nessa via, o que interessa para Bakhtin (2000, p. 340) é a voz na palavra, como ele refere, “as vozes (no sentido de materialização dos estilos sociais. É a voz enquanto diferente da palavra, mas não separada desta, o que possibilita a análise estilística de determinado autor. Sendo assim podemos dizer que ao direcionar o seu discurso a um ouvinte-leitor específico (como por exemplo, as normalistas), existia toda uma intencionalidade mobilizadora de ideias e pontos de vista que constituíam o cerne de sua produção, como um objeto simbólico (CHARTIER, 1990).

Podemos dizer que Manoel Bomfim marcava em seus escritos seus posicionamentos, e admitia uma representatividade no campo da educação a partir de suas pertencas e circulação em instituições e pelas redes de sociabilidade que compunham a circulação desses intelectuais tanto no espaço urbano da cidade que se modelava para República e seus ideais modernos, quanto no espaço social constituído pelo campo de atuação. Contudo, o elemento contracorrente do autor é estabelecido especialmente pelas questões levantadas na obra *A América Latina: males de origem* (1905), em que apresentou a teoria do parasitismo social. Para Bomfim, o Brasil e os demais países latino-americanos sofriam um parasitismo social⁵, suas interpretações teóricas indagavam as concepções racistas dominantes, a singularidade do Brasil em face às outras nações latino-americanas, a colonização ibérica, a deturpação das tradições nacionais, a análise da formação da nacionalidade brasileira e reflexões acerca da importância da educação para a “cura” do que denominou os “males de origem”. Essa ideia era o contraponto da teoria hegemônica do branqueamento das raças, que justificava que a razão para o atraso brasileiro em relação às nações europeias era a mestiçagem.

O contradiscurso que consideramos em Manoel Bomfim é estabelecido a partir da perspectiva de Foucault (2007), como um contraponto a determinado discurso determinado, atuando como um desvio do caminho pré-estabelecido possibilitando que elementos de

⁵ Consiste na lógica da dominação externa imposta pelo colonialismo europeu, combinada com a dominação interna imposta pelas elites, causando males aos povos latino-americanos.

resistência ou transgressão se apresentem como escolhas para um ponto de vista. É válido ressaltar que o contradiscurso não se define como uma voz dissonante, ela faz parte do processo que o institui e das relações sociais e de poder que o envolvem, o torna e até certo ponto libertária. Não está em sua concepção um rompimento, mas uma interrogação que admite uma posição contrária (a partir de uma já existente), e por isso admitir um desvio, uma opção de pensamento que se baseia nos tencionamentos e cria a possibilidade de desconstruir aquilo que é tido como determinado paradigma. Ao questionar a teoria das raças Manoel Bomfim se opôs a um discurso científico aceito e tido como não passível de questionamento, isso torna a sua teoria do parasitismo social o ato inaugural do seu contradiscurso e a opção de seguir suas concepções permitiu a desconstrução de um ideário intelectual em concordância, demonstrando que todo campo social é um campo de poder e de possibilidades (VELHO, 1997).

Ao considerarmos Manoel Bomfim um intelectual engajado em suas proposições, buscamos localizar as suas presenças e ausências, nas relações de poder, espaço, circulação pela análise da sua produção escrita a respeito das temáticas envolvendo a educação em determinado contexto histórico. Nesta dinâmica, é possível estabelecer alguns pontos cardiais relacionados à sua interação em determinados campos de disputa específicos e movediços. E para além do engajamento apresentado por Sirinelli (2006), é possível ampliar para as relações de força que permeiam um intelectual como um mediador e produtor cultural (GOMES; HANSEN, 2016), cujas pretensões e intenções, se mostram a partir daquilo que oferecem como bens simbólicos.

O intelectual a partir da fundamentação sartriana, da causa universalista para defender as causas públicas, outras noções de intelectuais foram sendo lançadas ao debate, como a de intelectual específico de Foucault (2008, p. 70), soma à perspectiva do intelectual universal as relações políticas e de poder. Do mesmo modo o intelectual engajado de Sirinelli (2006, p. 161), que considera o próprio Sartre um representante do engajamento intelectual. Para o autor, o engajamento intelectual é definido pela atuação e intervenção política do intelectual na sociedade refletida em suas tomadas de posição, em seu tempo histórico e no calor dos acontecimentos (SIRINELLI, 2006, p. 162). O engajamento é imperativo, e por isso gera implicações como, por exemplo, ser contraditoriamente súbito e incompleto existencialmente.

Além da noção de engajamento, Sirinelli (2003) também identifica a função mediadora dos intelectuais, destacando não apenas o caráter polissêmico assumido pela acepção do termo intelectual, como o aspecto polimorfo do meio dos intelectuais, que se mostra variante, em

confluência com aquilo que descrevemos como movimento. Desse modo, a atuação como mediadores é estabelecida a partir de trocas marcadas pela reciprocidade cultural e de forças que atuam em relação às mutações sociológicas e geram, no campo das ideias, necessidades para uma atuação de intermediação:

[...] podem desembocar em duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os “mediadores” culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou “mediadores” em potencial, e ainda outras categorias de “receptores” da cultura (SIRINELLI, 2003, p. 242).

Esta abordagem dos intelectuais mediadores também é tratada por Gomes e Hansen (2016), que se aprofundam sobre a temática por meio de estudos que acabam promovendo um alargamento tanto em relação às concepções apresentadas por Sirinelli (2003) quanto nas percepções compartilhadas no contexto brasileiro, desenvolvendo uma reflexão atualizada sobre as questões que circunscrevem os intelectuais, a cultura e a sociedade. Gomes e Hansen (2016, p. 9) delimitam a mediação como uma operação cultural realizada por sujeitos históricos, os intelectuais, por meio de tipos de atividades e práticas que produzem sentidos e significados em diferentes tempos e espaços.

Sendo assim, afirmam que a mediação cultural pode ser realizada por um “conjunto diversificado de atores” sejam eles “guardiões da memória” ou os que fazem circular as práticas como “leitores, contadores de história, guias de instituições, pais, e outros agentes educadores” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 9), mas que não se identificam na categoria de intelectual propriamente dita. E, por conseguinte, a mediação referente aos intelectuais, isto é, por indivíduos responsáveis pela “produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social”, como “atores estratégicos” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 10) no campo na cultura e política, que dialogam em meio às tensões tomadas de posição e admitindo um reconhecimento público e social.

A perspectiva dos intelectuais mediadores apresentados pelas autoras se mostra interessante no que se refere à dinâmica em relação a estes sujeitos, à sua produção cultural e seus significados entre grupos e espaços sociais. Para Xavier (2016, p. 464) os intelectuais mediadores e os mediadores culturais possuem funções diferenciadas entre a produção de um

bem intelectual (da criação) e uma ressignificação de um bem cultural (uma apropriação que gera novos conceitos, como por exemplo, o conceito de intelectual universal desenvolvido por Sartre e os debates que emergiram a partir dele). Nesta reflexão, as posições, as funções e as contribuições particulares de indivíduos são potencializadas pelas suas redes de sociabilidade (as trajetórias intelectuais e seus espaços), tendo a mediação como uma forma de operar bens culturais, a análise geracional e as lideranças intelectuais e políticas relevantes pontos em relação à ação intelectual, especialmente os intelectuais públicos.

Especialmente se pensarmos a realidade brasileira, a mediação cultural é realizada a partir de trocas ou transferências intelectuais diversas, de reciprocidade, entre àquele que possui um cargo estratégico em determinada instituição (cultural, pública ou privada) e a sociedade a partir da sua interlocução através de um determinado bem cultural. Como eram considerados os homens de letras do início do século XX, como Manoel Bomfim, descritos por ocuparem posições estratégicas em relação à sociabilidade intelectual, se empenhando em dialogar publicamente através da escrita, gerindo revistas ou jornais, atuando em cargos públicos ou políticos, alargando as possibilidades de funções a partir do reconhecimento do seu trabalho, pela comunidade e pelo campo, e conferindo valor às suas atividades de mediação cultural.

Nesse aspecto, quando ampliamos essa função mediadora à Manoel Bomfim, importantes desdobramentos são observados no se refere a esta figura intelectual em movimento, através do tempo e espaço, se deslocando a partir de seus produtos culturais para diferentes intenções e públicos. Desse modo, é preciso ressaltar que o intelectual mediador não é uma posição fixa e imutável, como não são qualquer atividade pessoal ou profissional. Por isso, demarcamos intelectuais como Bomfim atores sociais dedicados à produção, difusão de suas interpretações e do reconhecimento de sua ciência em meio ao seu campo de atuação. Nessas dinâmicas relacionais, podemos estabelecer os grupos intelectuais constituintes sejam convergentes ou divergentes, e que estabelecem ideias, posições e competições, isto é, imersos numa sociabilidade que o inspira, desloca e demarca em seu tempo histórico e espaço de ação e definem seus objetivos na sua prática.

Essa questão da autonomia é abordada na noção de intelectual autônomo de Chauí (2006, p. 20) e de intelectual bidimensional de Bourdieu (1989, p. 99). Chauí (2006, p. 20) considera que o intelectual tem autoridade teórica e prática, que lhe permite a fala e a ação pública em defesa de interesses transgressores. Necessita de um auditório, isto é, de um lugar

de escuta para legitimá-lo. Boudieu (1989, p. 100) reformulando o papel social do intelectual, avança para o que denominou intelectual bidimensional, numa perspectiva que ultrapassa a oposição entre “cultura pura” e “engajamento” assumindo o caráter de produtor cultural autônomo conferida pelo seu capital cultural. São bidimensionais porque pertencem ao campo intelectual e são produtores culturais. Contudo, sua independência intelectual é legitimada pela força de sua crítica, e especialmente pelo fato de não ser política, dessa forma podem ser transgressores e ao mesmo tempo independentes. O que observamos nas abordagens até aqui delineadas é a atuação destes sujeitos como “formuladores” (BARTHES, 2004, p. 187) de estratégias de atuação em torno de suas posições, funções e contribuições, têm poder de transformação social e de fermentação cultural na esteira que movimenta a história ou na arena política, e vale ressaltar, a sua potência quando se trata de poder. E vale atentar para o fato de que todo intelectual é um formulador e produtor cultural, contudo nem todo o sujeito, formulador, produtor e mediador, é um intelectual.

2 MANOEL BOMFIM, COM TEXTO E CONTEXTO HISTÓRICO

No contexto da Primeira República (1889-1930), atravessando a *Belle Époque* carioca, Manoel Bomfim transitava na capital federal por um cenário de renovação e modernização daquilo que deveria se configurar numa nação. Contudo em meio à urbanização crescente, observava atento não só aos problemas políticos e econômicos, mas no âmbito da educação, os problemas de analfabetismo e instrução primária. Sendo assim a ideia de progresso se vinculava a estes movimentos, que para o autor só seria possível a partir da educação:

[...] Não há progresso na ignorância. Na economia social da nossa época, país de analfabetismo quer dizer: miséria e pobreza, de despotismo e degradação. Percorra-se a carta do mundo atual, e achar-se-á uma relação constante e absoluta entre a difusão do ensino e o progresso social e econômico (BOMFIM, 1904, p. 16).

O espaço urbano se torna relevante à intelectualidade brasileira na virada do século XIX para o século XX, especialmente no âmbito da circulação social e das redes de sociabilidade (Sirinelli, 2003). As redes de sociabilidade no meio intelectual da *Belle Époque* tropical (1898–1914) contavam com a participação em rodas boêmias, grupos literários, cafés, livrarias e salões. Neste trabalho traçamos como participantes da rede de sociabilidade de Bomfim:

Alcindo Guanabara⁶, Olavo Bilac⁷, Medeiros de Albuquerque⁸ e Sílvio Romero⁹ e todos podem ser considerados intelectuais engajados.

Alcindo Guanabara participou ativamente da vida de Bomfim, amigo de longa data, mas especificamente desde 1885 enquanto ainda cursava a Faculdade de Medicina da Bahia. O contato entre os dois se manteve quando Bomfim chegou ao Rio de Janeiro se tornando, juntamente com Olavo Bilac, companheiros com afinidades profissionais e pessoais. Fundaram juntos o jornal *A Nação* (1903). Contudo, divergiam em relação aos posicionamentos políticos, enquanto o primeiro se posicionava defensor das ideias republicanas, Bomfim se demonstrava mais influenciado por ideias que levassem a movimentos revolucionários e nacionalistas. Através da indicação de Alcindo Guanabara e Medeiros de Albuquerque, Manoel Bomfim conseguiu o seu primeiro trabalho como médico na Brigada policial do Rio de Janeiro, e o cargo de subdiretor do *Pedagogium* em 1896.

Com Olavo Bilac, a amizade de longa data iniciada ainda na época de sua chegada ao Rio de Janeiro. Eram companheiros profissionais e parceiros ideológicos, especialmente no campo da educação. Essa parceria de Bomfim e Bilac pode ser destacada em alguns momentos significativos, como no *Pedagogium* e na autoria de livros. Trabalharam em coautoria nas seguintes publicações: *Livro de Composição* de 1899, *Livro de Leitura* (1901) e *Através do Brasil* (1910).

A instrução pública, preocupação constante da trajetória de Bomfim, marcou a relação com Medeiros e Albuquerque. Com o apoio do amigo, então diretor da Instrução Pública Municipal (1897), atuou como diretor geral do *Pedagogium* (1896), fundou e dirigiu o mensário *Educação e Ensino* (1897)¹⁰ e dirigiu a *Revista Pedagógica* (1890). Substituiu Medeiros e Albuquerque na Diretoria da Instrução Pública entre 1898 a 1900, tornando-se membro do Conselho Superior de Instrução Pública do Distrito Federal. Em *Progresso pela Instrução*

⁶ Alcindo Guanabara era jornalista, atuando na política como Deputado Federal e membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Trabalharam juntos no jornal *A Nação* (1903).

⁷ Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac foi um jornalista, escritor, cronista, poeta e membro da Academia Brasileira de Letras.

⁸ José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque foi professor, escritor, poeta, deputado, jornalista, membro da Academia Brasileira de Letras e Diretor da Instrução Pública em 1897.

⁹ Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero era também um intelectual engajado: um homem de letras, jornalista, crítico, historiador e membro da Academia Brasileira de Letras e famoso por suas críticas ferozes.

¹⁰ Revista oficial da Diretoria da Instrução Pública.

(1904), Bomfim destaca a importância da instrução primária e o tema permanece até sua última obra *Cultura e educação do povo brasileiro* (1932).

Sílvio Romero se torna um importante interlocutor da rede de sociabilidade de Bomfim por divergir de suas ideias e criticar ferinamente sua obra *A América Latina: males de origem* (1905), criando um debate intelectual que marcou a trajetória destes dois personagens. Escreveu em 1906, suas críticas em relação à obra de em *Os Annaes* uma série de artigos sob o título uma *suposta teoria nova da história latino-americana*, sendo compilado em um livro no mesmo ano: *A América Latina: analyse do livro de igual título do Dr. Bomfim*.

A preocupação com a formação do povo brasileiro constituiu o principal debate da geração acadêmica de Sílvio Romero e Manoel Bomfim, que tinha como objetivo a construção de uma nova nação comprometida com o progresso. Sílvio Romero privilegiava o determinismo racial como elemento autônomo que se impõe, a partir de fatores climáticos ou geográficos. O contradiscurso de Bomfim ia de encontro às teorias vigentes. Em seu ponto de vista, a teoria do branqueamento e das etnias inferiores do povo brasileiro procurava justificar o imperialismo e a submissão das classes desprotegidas. Para Bomfim, a questão das raças estava mais ligada às relações sociais entre as classes dominantes e dominadas, concebendo a sociedade dentro de um sistema, o “parasitismo social”, descrito em *A América Latina: males de origem* (1905). No livro propõe que a cura dos males do atraso seria a educação.

Se adentrarmos pela metáfora da rede, como um tear de convergências e divergências entre estes intelectuais, podemos pensar algumas considerações: Bomfim foi o único desta rede a optar por não ser membro da Academia Brasileira Letras, mesmo sendo convidado pelo presidente fundador da instituição, Machado de Assis, e permaneceu envolvido nos debates relacionados à educação. Ele mesmo vivia o seu contradiscurso e se colocava à margem, e a sua preocupação ia além do pertencimento à uma academia. Seu engajamento intelectual eclodiu na sua preocupação com a educação popular e tornou o seu tema de discussão e interesse durante toda a sua vida: “A educação – a formação da pessoa humana, no que ela tem de característico e superior, é, e será sempre, o problema capital para a orientação dos nossos destinos” (BOMFIM, 1932, p. 14).

A circulação de intelectuais na cidade, nos cafés, nos jornais, nas livrarias, nas instituições, por exemplo, favorecia a efervescência de sujeitos que se preocupavam em descrever aspectos culturais intensificados com a atmosfera de modernidade tropical, uma *Belle*

Époque particularmente brasileira, que se constituía com seus próprios traços. Além disso, havia ainda uma preocupação dos intelectuais em interpretar a nação, ou ainda, a iniciativa em definir concepções de identidade nacional, agora republicana, e por isso se fazia necessária estabelecer uma identidade nacional marcados por símbolos sejam arquitetônicos, sejam literários que marcasse esse ritual de passagem e pudessem almejar o progresso e civilidade (mesmo que a ideia de civilidade ainda se espelhasse numa eurocêntrica).

Em relação a Manoel Bomfim, podemos considerar que a ideia de uma nação civilizada e progressista se configurava a partir da educação, desde da preocupação do Estado com o aparato escolar, a formação do magistério, a instrução primária e a responsabilidade do seu papel em idealizar, legitimar e fomentar ações. Para Bomfim, a educação era o único meio possível de alcançar o progresso e de fato se idealizar uma nação. Através dela seria possível legitimar a democracia, o pilar dos ideais republicanos e que se tornavam cada vez menos próximos à realidade que se mostrava:

Não há democracia sem indivíduos capazes de ser livres e responsáveis, uma República sem povo, só se compreende como uma forma de transição – enquanto se preparam as gerações futuras, tornando a grande maioria apta par ao compreender e praticar o regime, transformando este caos humano, apático e nulo, em Nação consciente e ativa. É na maioria que é preciso cuidar; e sim a República parece ter falhado aos seus ideais, é porque tem faltado ao seu dever primordial – que é da essência mesma do regime – a educação e o preparo da massa popular (BOMFIM, 1904, p. 23)

Neste momento de sua produção escrita podemos identificar algumas reflexões que se tornariam marcantes nas discussões e debates de Manoel Bomfim acerca da educação. Consideramos como eixos argumentativos, isto é, temáticas que perpassam a suas obras e admitem uma marca do seu pensamento, e de certo modo também se refletem em suas ações, tomadas de posição e pertenças. Primeiramente, o seu contradiscurso em torno da raça e mestiçagem, em que aborda a sua teoria de parasitismo social e estende seu debate para uma análise não apenas das questões brasileiras, mas latino-americanas trazendo discussões importantes em torno da referência, até aquele momento, eurocêntrica na maioria das concepções admitidas pela intelectualidade. Em segundo lugar, a sua discussão em torno do progresso, civilidade e modernidade que para Bomfim não estava apenas relacionada com o espaço urbano, mas possuía um caráter mais estrutural, seguindo a metáfora biológica do autor, quase patológica em que somente a educação poderia ser a “cura para os males brasileiros” A

América Latina: males de origem (1905). E por fim, a importância da identidade nacional, especialmente no âmbito da educação, como uma forma de entender a tradição e a cultura, mas também refletir acerca das questões que nos parecem bem atuais, como a formação da brasilidade e do brasileiro numa perspectiva do desvio, desconstruída da visão europeia, mas mestiça, tropical e por isso, contracorrente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Bomfim, o progresso só poderia de fato ser viável com a educação, especialmente a educação popular, a partir dela seria possível transformar o povo brasileiro em nação e conquistar, de fato, a sua liberdade e democracia. Segundo Bomfim, um povo livre é aquele que tem consciência de sua ação social, de cidadania e para isto, a educação é fundamental. Podemos dizer que o teor de sua coletânea, em outras produções, mantém este discurso, e ainda evidencia seu contradiscurso, ao considerar as origens do atraso brasileiro ou os seus “males” uma questão de educação, contrariando o discurso corrente que se justificava a partir das teorias de mestiçagem, raça e clima, abordado na obra *A América Latina: males de origem* (1905). Por isso, denominamos contradiscurso, na perspectiva do deslocamento, da contracorrente.

Para Bomfim, o Brasil e os demais países latino-americanos sofriam um parasitismo social, suas interpretações teóricas indagavam as concepções racistas dominantes, a singularidade do Brasil em face às outras nações latino-americanas, a colonização ibérica, a deturpação das tradições nacionais, a análise da formação da nacionalidade brasileira e reflexões acerca da importância da educação para a “cura” do que denominou os “males de origem”.

O discurso de Bomfim admite um sentido de engajamento crítico, de descolar o olhar às questões que parecem estar sedimentadas, mas estão apenas incorporadas à interesses políticos e burocráticos de pequena parcela beneficiada, e que de forma perversa balizam suas ações para conservar e permanecer a sociedade sem pensar em renová-la através de iniciativas reais, a democracia seria uma forma de se estabelecer a organização social. Bomfim articula em seus textos com as transformações sociais e políticas de seu tempo numa percepção individual e coletiva de seus pensamentos, que pelo seu caráter contracorrente, se tornou transgressora. Contudo, vale ressaltar que, o mundo representado, sendo uma representação,

“não pode jamais ser idêntico do ponto de vista espaço-temporal ao mundo real, representante, aquele onde se encontra o autor que criou esta imagem” (BAKHTIN, 2002, p. 396). O mundo representante é o texto e o mundo ao qual ele dá origem.

Desse modo, a partir do texto de Bomfim, é possível interpretarmos a sua ideia de educação, fazendo do seu texto uma representação simbólica daquilo que refletia e o mobilizava em seu contexto histórico. Sendo assim, sua produção está localizada em determinado tempo e espaço, mas possui a sua representação naquele determinado momento, e além de se tornar um produto cultural do autor. O mundo real é o mundo representante, o mundo do texto, o mundo vivo. O mundo representado é a representação do mundo real. O mundo representado, como o próprio termo já diz, é uma representação, o mundo representante é o meio pelo qual esta representação se materializa (BAKHTIN, 2002):

O pensamento humano só se torna pensamento autêntico, isto é, ideia, sob as condições de um contato vivo com o pensamento dos outros, materializado na voz dos outros, ou seja, na consciência dos outros expressa na palavra. É no ponto desse contato entre vozes-consciências que nasce e vive a ideia (BAKHTIN, 2002, p.86).

Em relação à Manoel Bomfim, nos interessa, até este ponto, traçar as arestas de seu pensamento intelectual a partir da ideia da conexão e intermediação no meio social e cultural, o que nos leva a considera-lo no “meio de passagem” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 28), ou de dupla via, permitindo uma reciprocidade cultural. Este conceito é trazido por Gomes e Hansen (2016, p. 28) a partir do conceito de *passseurs* de Charle (1992). Dessa forma elencaremos algumas questões referenciais em torno dessa figura do mediador centrada nos processos culturais que têm como polos a questão da cidade e modernidade, no contexto histórico da Primeira República (1889-1930) e a do intelectual múltiplo, de *passseurs* ou “homem duplo” de Charle (1992, p. 74).

Vale ressaltar que esta perspectiva de intelectual em movimento, ora como passante ora como passagem, potencializa metonimicamente as especificidades que se destacam em Bomfim, como um intelectual que no seu discurso científico e de valorização da identidade nacional, contribuiu para diversos estudos do pensamento social brasileiro. Podemos dizer que a partir da sua teoria do parasitismo social buscou compreender aspectos da desigualdade brasileira pelo viés da tradição e cultura, os matizes que fermentam e conectam as ideias do

autor e o seu engajamento com as possibilidades que configuram um sujeito, um intelectual e um projeto para o Brasil no campo da história da educação que se mostra contracorrente.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. **Estética da Criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- BARTHES, R. A morte do autor. *In*: BARTHES, R. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BOMFIM, M. **O Progresso pela Instrução**. Rio de Janeiro: Instituto Profissional, 1904.
- _____. **A América Latina: males de origem**. Parasitismo Social e evolução. Rio de Janeiro: 1905.
- _____. **Lições de pedagogia: teoria e prática da educação**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1915.
- _____. **Noções de psicologia**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.
- _____. **Lições de pedagogia: teoria e prática da educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1920.
- _____. **Pensar e Dizer: estudo do símbolo no pensamento e na linguagem**. Rio de Janeiro: Casa Electros, 1923.
- _____. **Lições de pedagogia: teoria e prática da educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1926.
- _____. **O método dos testes: com aplicações à linguagem do ensino primário**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1928.
- _____. **O Brasil na América: caracterização da formação brasileira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929.
- _____. **O Brasil na História: deturpação das tradições, degradação política**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.
- _____. **O Brasil Nação: realidade da soberania brasileira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.

- _____. **Cultura e Educação do povo brasileiro**: pela difusão da instrução primária. 1932.
- BOMFIM, M.; BILAC, O. **Através do Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1910.
- BOURDIEU, P. The corporatism of the universal: the role of intellectuals in the modern world. *Telos*, v. 1989, n. 81, 1989. p. 99-110.
- CHARTIER, R. **A História cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHAUÍ, M. Intelectual engajado: uma figura em extinção?. In. NOVAES, A. **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. São Paulo: Forense Universitária. 2007.
- _____. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. **Foucault, o discurso e o poder**. São Paulo: Fontes, 2008.
- GOMES, A. de C.; HANSEN, P. (Org.). **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- MIGNOT, A. C. V. (Org.). **Pedagogium**: símbolo da modernidade educacional republicana. Rio de Janeiro: Quartet, 2013.
- NEEDELL, J. D. **Belle Époque tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SARTRE, J P. **Em defesa dos intelectuais**. São Paulo: Ática, 1994.
- SIRINELLI, J. F. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- _____. Jean-Paul Sartre, um intelectual engajado. In. NOVAES, A. **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- XAVIER, L. N. Interfaces entre a história da educação e a história social e política dos intelectuais: conceitos, questões e apropriações. In: GOMES, A. de C.; HANSEN, P. (Orgs.). **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. (p. 464- 485).